

Itanguá surge de fazenda loteada

As terras pertenciam à família Martins. A parte do manguezal foi invadida



Agua de um lado e matagal, do outro. Era assim o bairro Itanguá, em Cariacica, há meio século, quando começou a ser habitado. As primeiras famílias contam que a área era uma fazenda e foi sendo loteada aos poucos. Parte do local foi invadido.

O ferroviário aposentado Jovani Rodrigues do Nascimento, 84 anos, contou que chegou ao bairro na década de 1950. Em pouco tempo, comprou um terreno sobre o mangue e começou a aterrar.

“Minha vizinha era dona Augusta Mafessoni. Vivi de aluguel na casa dela. Para encontrar outro vizinho, era preciso ir longe. Os mais próximos eram José Maria Ferreira e Luís Lovate, que tinha um poço e nos deixava pegar água”, recordou.

O casal de comerciantes Luzia e Miguel de Martin, que vive no bairro há 37 anos e é proprietário do Miguel Material de Construção, explicou que as terras pertenciam à fazenda da família Martins.

“Eles começaram a vender aos poucos. Nós também compramos um pedaço”, lembrou dona Luzia. Segundo Miguel de Martin, a antiga linha férrea passava no bairro. “Os trens do tipo maria fumaça passavam aqui. Nossa loja está em cima da antiga linha”, comentou Miguel.

Os primeiros imóveis foram construídos dos dois lados da atual avenida Clarício Alves Ribeiro. Os terrenos, em geral, eram comprados diretamente com os herdeiros da fazenda. Já na parte alta, os lotes foram vendidos por terceiros. Segundo os depoimentos dos antigos moradores, a parte do manguezal foi invadida.

Na década de 1980, foi construído o Conjunto Residencial Itanguá, o que significou uma grande mudança para o cenário local. De acordo com o presidente da Obra Comunitária de Itanguá e Nova Brasília (Ocinbra), Sebastião Bremenkamp, são 18 prédios e 150 apartamentos.

RECORDAÇÕES

FOTOS: FABIO NUNES/AT



“Aqui em Itanguá havia uma ponte, chamada Rosinda, que era muito utilizada pelas carretas que vinham até o Frigorífico Frincasa. Ela foi destruída e se transformou em uma rua. No frigorífico, matabam até mil bois por dia. Havia movimento intenso de caminhões e trabalhadores, dia e noite.

Existiam apenas dois comércios aqui quando chegamos, em junho de 1969. Uma mercearia era

de Amado Ferreira, que era uma sede do Itanguaense Futebol Clube e os jogadores se reuniam lá.

“Fechamos a nossa mercearia quando os supermercados chegaram. Abrimos o material de construção e conseguimos manter os mesmos clientes desde a época dos secos e molhados.”

Miguel de Martin, 62 anos, e Luzia Pereira de Martin, 57 anos, comerciantes.



“Cheguei a Itanguá nos anos 50. Havia iluminação, mas os postes não iam até todos os lugares. Por sorte, tinha um bem pertinho de minha casa. Comprei um terreno sobre o mangue e levei uns 20 anos para aterrar. A água era retirada do poço de Luís Lovate. Ele, inclusive, loteou o terreno, o que trouxe novos moradores.

Também foi bom quando construíram o conjunto residencial com os prédios. Fez o bairro ficar mais

desenvolvido e com mais gente. Sou muito conhecido por causa de meu empenho religioso.

Fui muito participativo na construção da igreja católica de Nova Brasília, que é a extensão de Itanguá. Até hoje a tradição da igreja aqui é forte. Também gostava do futebol daqui e ia assistir aos jogos.”

Jovani Rodrigues do Nascimento, 84 anos, ferroviário aposentado.

SAIBA MAIS

- Itanguá é uma palavra de origem indígena e significa vale ou baixada das conchas. “Itam” quer dizer concha grande e “guá” ou “gué” é o mesmo que baixada.
- O atual valão já foi um rio usado como rota de transporte de barco. Era através dele que as mercadorias che-

- gavam até Vitória.
- Itanguá já foi um centro comercial de café.
- O barro do rio era aproveitado na produção de tijolos.
- O sustento de muitas famílias vinha do rio Itanguá, que tinha peixes, camarões e outros pescados.